

LITURGIA E O PRINCÍPIO MISERICÓRDIA

LITURGY AND THE PRINCIPLE OF MERCY

Anderson Messina Perini¹



Resumo

Nesta comunicação buscar-se-á a relação existente entre liturgia e o princípio misericórdia a partir dos autores Jon Sobrino e José Comblin. Esse princípio partirá da reflexão de que a Igreja é samaritana, isto é, envolver-se de compaixão pelo outro e fazer algo em seu benefício. A liturgia é a maior expressão de amor a Deus. Todavia, como afirma Comblin, o amor a Deus só é completo quando há amor ao próximo, isto é, quando se age com o princípio misericórdia. Portanto, a liturgia será realmente experiência do amor de Deus, se nos levar agir com amor ao outro.

Palavras-chave: Liturgia, Misericórdia e Amor ao próximo

Abstract

This communication will seek the relationship that exists between liturgy and the principle of mercy from the authors Jon Sobrino and José Comblin. This principle will start from the reflection that the Church is Samaritan, that is, to be involved in compassion for others and to do something for them. The liturgy is the greatest expression of love for God. However, as Comblin says, love of God is only complete when there is love of neighbor, that is, when one acts with the principle of mercy. Therefore, the liturgy will truly be an experience of God's love if it leads us to act with love for others.

Key words: Liturgy, Mercy and Love of neighbor

INTRODUÇÃO

A Liturgia é a fonte e o cume para toda ação da Igreja (SC, n.10). Apesar de ela não esgotar toda ação eclesial, deve dispor os que dela participam a ensinar e observar tudo o que Cristo apresentou em seu Evangelho, estimulando a toda ação de caridade, piedade e apostolado (SC, n.9).

Segundo Floristan, a Liturgia é o centro da atividade pastoral da Igreja e dela necessariamente deve gerar comunhão e ações de caridade no mundo (FLORISTAN, 2002, p.431-433). O Papa Francisco afirma que a Liturgia não nos pode levar a um conhecimento individual do Mistério de Deus, mas nos congrega em assembleia, em comunidade, seguindo em coerência com o agir de Deus (DD, n.19).

Desta forma, nossa comunicação buscará estabelecer relação entre Liturgia e Princípio Misericórdia a partir de duas referências: Jon Sobrino e José Comblin. Este princípio pode

¹ Mestrando na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) – e-mail: anderson.m.perini@gmail.com

ser resumido na busca de entender o novo mandamento de Jesus: “que ameis uns aos outros” (Jo 13,34). Pois, como afirmam ambos os autores, o amor de Deus só é completo no amor ao próximo. Para ilustrar essa mensagem, eles recordam a Parábola do Samaritano (Lc 10,29-37). O objeto do amor e da misericórdia é o homem ferido, abandonado à beira do caminho, desprezado pelos representantes da sociedade estabelecida (COMBLIN, 2004, p.144-145). Sua práxis é a favor dos pequenos, pobres e oprimidos e busca erradicar o sofrimento em massa e injusto (SOBRINO, 1992, p.37-38).

De forma nenhuma pretendemos esgotar o tema. O nosso objetivo é resgatar o Princípio Misericórdia apresentado e perceber que sem uma vivência concreta daquilo que celebramos nos atos litúrgicos, nosso culto se torna estéril. A liturgia autêntica é aquela que leva a um culto espiritual agradável a Deus, que expressa no testemunho do amor a Deus que necessariamente torna-se amor ao próximo.

1 O PRINCÍPIO MISERICÓRDIA EM JON SOBRINO

Para compreendermos o princípio misericórdia em Jon Sobrino, é necessário ter a clareza de que ele o faz a partir da realidade histórica e da situação de sofrimento dos pobres e o alastramento da miséria na América Latina. A partir dessa realidade, Sobrino considera tal princípio extremamente necessário e, por isso, sai em defesa da Teologia da Libertação.

O termo misericórdia deve ser bem compreendido (SOBRINO, 1992, p.32), pois pode trazer realidades ambíguas em si mesmas, conduzindo a coisas justas e verdadeiras, bem como algo insuficiente e danoso. Aqui, deve-se afastar de compreender a misericórdia como um simples sentimento de compaixão sem o acompanhamento da práxis; como “obras de misericórdia”, mas sem analisar a raiz dos sofrimentos; como alívio de necessidades individuais, sem converter as estruturas que as causam; como atitudes paternalistas e assistencialistas. Para evitar essas confusões que o termo “misericórdia” pode causar, Sobrino prefere falar sobre “princípio misericórdia”.

Entende-se o “princípio misericórdia” como elemento fundamental da atuação de Deus e de Jesus que, por consequência, deve ser atuação da Igreja e da reflexão teológica. Para Sobrino, trata-se de um processo de amor que, além disso, permanece presente e ativo e configura diversos elementos nesse processo. Está na origem do processo salvífico de Deus, como sua ação amorosa, que percebemos desde a Criação, a libertação do Povo de Israel no Êxodo e no Exílio, e declarado pelos profetas. Numa visão ampla e resumida das Escrituras, poderíamos afirmar que no princípio absoluto-divino “está a Palavra” (Jo 1,1) e por meio dele foram feitas todas as coisas na Criação (Gn 1,1), no princípio absoluto histórico-salvífico está a misericórdia em conformidade com o processo salvífico de Deus.

A este processo de amor que chamamos “princípio misericórdia” é uma ação e ao mesmo tempo re-ação perante o sofrimento alheio interiorizado, que chega até às nossas entranhas e ao próprio coração. Um exemplo das Escrituras que descreve bem esse princípio é

a Parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37). Diante de um ser humano assaltado e ferido no caminho, o samaritano reagiu e o ajudou como podia. A parábola contada para demonstrar o maior mandamento divino, mostra-nos que aquele samaritano não agiu por preceitos religiosos ou diante de uma finalidade última, mas foi “movido por misericórdia” e gratuitamente.

Para Sobrino (1992, p.35), o princípio misericórdia é o que nos torna humanos e revela quem é o divino. “Misericórdia é, portanto, o primeiro e o último” (SOBRINO, 1992, p.35). É a atitude fundamental frente ao sofrimento do outro, em virtude pela qual se busca erradicá-lo, pela única razão desse sofrimento existir e com a convicção de que, nessa reação diante da indignação à dor alheia, se decide, sem escapatória possível, o próprio ser.

Como sabemos, tal princípio é a base, segundo o autor, para teologia da libertação. Para ele, a teologia da libertação interage de dois modos distintos, embora relacionados e interagidos entre a teoria e a práxis, entre “teologia e exercício de misericórdia” (SOBRINO, 1992, p.68). E por consequência, só se pode uma verdadeira teologia da libertação quando se faz uma opção preferencial pelos pobres e sua libertação. Tal teologia, acrescentaria a *intellectus fidei*, desenvolvida por Santo Agostinho e Santo Anselmo; a *intellectus amoris* como reflexão e atuação da práxis teológica. Deste modo, não se trata de negar os conteúdos da fé e nem lhe fazer oposição, mas é uma forma de levá-la à sua prática.

Para tanto, trazemos nesse princípio o que é central na revelação de Deus: ao autocomunicar-se de si mesmo se dá a si mesmo, isto é, a finalidade de sua revelação não é comunicar verdades plurais de si mesmo, mas na doação de sua própria realidade chegue ao mundo a sua vontade em concretude. Como diz Jesus em seus evangelhos, o primário não é apenas dizer “Senhor, Senhor”, mas sim a fazer a vontade de Deus (Mt 7,21). O que permanece para sempre, como nos diz São Paulo em sua cartas, é a caridade (1Cor 13), pois a fé se torna fé quando se atua em caridade (Gl 5,6). A verdadeira religião consiste em fé e obras, pois de outro modo tal fé é morta (Tg 2,14-18).

Por fim, um ponto importante para compreendermos a relação desse princípio com a liturgia é a mistagogia segundo Jon Sobrino (1992, p.76-80), que compreende como *intellectus gratiae*. Pois mistagogia é o processo dinâmico, interior e pedagógico com que a própria celebração litúrgica e seus agentes ajudam a celebrar com profundidade o Mistério divino para depois vivê-lo (ALDAZÁBAL, 2007, p. 183). É “iluminação que traz consigo a própria realidade do mistério” (SOBRINO, 1992, p.78). Desse modo, a *intellectus amoris* deve ser também mistagógica, pois o caminho do amor oferece o caminho primário da mistagogia. *Intellectus amoris* e *intellectus gratiae* são duas formas específicas a qual configura-se uma teologia preocupada com a opção preferencial pelos pobres e seu sofrimento sem perder a esperança. É a unificação entre o transcendente e o histórico, pois é ao mesmo tempo afinidade com Deus e a alteridade de Deus.

Dessa maneira, pensar a Liturgia e o princípio misericórdia nos abre questionamentos sobre nossa prática litúrgica: ela nos leva a uma experiência com Deus a tal ponto que as pes-

soas tocadas pelo mistério se transformem e colaborem para cumprir o Reino de Deus, isto é, a sua vontade? Parece-nos um desafio pastoral e teológico, mas é um grande questionamento de Jesus perante a prática religiosa dos fariseus.

2 O AMOR EM JOSÉ COMBLIN

O conceito de Amor em Comblin não difere do entendimento do princípio misericórdia em Jon Sobrino em sua essência, mas sua abordagem é diferente. Ele parte do princípio de que o amor é a única realidade permanente da pessoa humana. É a única primazia, pois como diz São João: “Deus é amor” (1Jo 4). Portanto, o amor é o maior dom de Deus acima de qualquer outro, pois é a própria ação de Deus. Sem amor ninguém se salva. Pois ninguém salva pela fé, pela esperança ou pela religião, somente o amor salva.

Um esclarecimento que Comblin nos choca é afirmar “ninguém nasce no amor” (COMBLIN, 2004, p.135), salvo Jesus e a Virgem Maria. Chega-se por amor apenas por conversão, que se trata de uma transformação radical, numa virada completa da existência. Não se trata de adesão religiosa, pois “pode-se viver numa religião sem conhecer a caridade”.

Para Comblin, o amor deve ser enxergado primeiro como reconhecimento do outro. Vivemos hoje em bolhas, grupos fechados de família, empresa e dentro de círculos de relações habituais, e pode-se ignorar a exclusão da grande massa dos outros. Depois, o amor supõe a compaixão. Aqui, Comblin resgata o Princípio Misericórdia de Jon Sobrino. Não pode haver amor sem compaixão e sem perdão. Essa compaixão não permanece passiva, mas se enche de indignação. Sem compaixão, a indignação se torna revolta das injustiças que existem no mundo sem que isso resulte em prática de amor. Mas sem a indignação, a compaixão não chega a sua prática, pois amar é fazer algo pelo outro. Portanto, amar é uma opção de vida e, por isso, resulta em conversão. Em outras palavras, o ser humano não nasce sabendo o que é amar como Deus, mas apenas de forma egoísta. Amar como Deus é algo que se aprende com o encontro decisivo com Ele.

O cristianismo tem como centro o amor. Mas esse amor não é aprendido somente por meios intelectuais, nem mesmo com uma experiência puramente espiritual. Para conhecer o amor de Deus é necessário a experiência humana completa. “Deus é indizível, está acima de qualquer palavra, mas pode ser conhecido no amor” (COMBLIN, 2004, p.141). Desse modo, o amor é visto como único princípio do mandamento novo dado por Jesus: o amor de Deus se realiza no amor ao outro. Quem ama a Deus não consiste em dizer a Deus que o ama, nem em multiplicar palavras e sinais de amor. Amá-lo é fazer sua vontade, consiste em obras, atitudes concretas para com outro. Jesus deixa isso claro no novo mandamento que consiste: “amai-vos uns aos outros” (Jo 13,34). Assim, quem ama a Deus, observa este mandamento.

No quesito da relação entre Liturgia e Amor, Comblin faz uma crítica à vivência religiosa sem a prática do amor. A Liturgia que herdamos do encontro com a cultura judaica e

greco-romana ainda relaciona a Liturgia com sacerdócio, templo e sacrifício. O cristianismo apostólico herdado de Jesus dava continuidade a crítica dos profetas, que revelava que Deus não desejava sacrifícios, mas a misericórdia e o cumprimento de sua vontade (Mt 12,7). A vivência cristã era a moralidade da vida, tornando-se um sacrifício de louvor e um culto espiritual (Rm 12,1-2; COMBLIN, 2004, p.209-224).

Todavia, segundo Comblin, a ideologia do sacerdócio-templo-sacrifício que adentrou, sobretudo, na teologia da Eucaristia, fez com que entendesse que o mais essencial e primário é o culto e a oração e que o demais é acidental e facultativo. A oração e o culto com base nessa ideologia fizeram com que se multiplicasse devoções, pietismo, recitações, fórmulas repetidas, valorizando a multiplicidade e o quantitativo. Entretanto, a oração e a liturgia cristã não se baseiam puramente em leis, fórmulas, mas “em abertura para aceitar o dom de Deus, a vida e a missão que nos é confiada” (COMBLIN, 2004, p. 221). Desse modo, a oração e a liturgia criam condições para ter como protagonista o Espírito Santo que inspira a ação. A liturgia mais fundamental está na resposta de Maria ao Anjo e na de Jesus: “Eis que venho fazer, com prazer, a vossa vontade, Senhor” (Sl 40(39),8-9).

A crítica de Comblin diante da ideologia sacrifício-sacerdote-templo, que marca historicamente a teologia e a estrutura da Igreja Católica, faz com que a força do evangelho seja neutralizada, “sendo reinterpretado por este e deixando de ser o motor inspirador dos cristãos” (COMBLIN, 2004, p.220). Todavia, debaixo desse sistema muitos cristãos, leigos e sacerdotes, encontram no evangelho a luz e a energia para suas vidas, superam o esquema religioso ensinado, sabendo ser mensageiros do evangelho e não simples funcionários da religião.

Portanto, diante de Deus sem a caridade, todo o culto é inútil. Para Comblin, o desafio está em como saber usar a religião, sua liturgia e seus sistemas para anunciar o evangelho, ou seja, para que os cristãos possam ir além do amor de Deus para que se chegue ao amor ao próximo. Pois Deus se situa no próximo, eis a sua vontade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que apresentamos acima, a relação de Liturgia e o Princípio Misericórdia fica evidente, pois a experiência com o amor de Deus deve levar ao amor ao próximo. Como se destaca em Comblin, uma liturgia que não lance a prática do amor e da caridade é uma oração estéril, sem frutos e neutralizante. A crítica de Comblin nos faz refletir sobre a importância da vivência concreta da fé, que não parta apenas de uma experiência espiritual com Deus, mas sobretudo, que leve a uma experiência humana concreta de alteridade. Isso é assumir o espírito evangélico e viver plenamente o mandamento do amor apresentado por Jesus.

Superar o culto exterior do sacerdote-sacrifício-templo é desafiador, pois isto está presente com raízes profundas na cultura eclesial. Mas o contraponto de Jon Sobrino traz novas luzes e esperança. O teólogo afirma que só é possível viver o princípio misericórdia com

mistagogia. Deste modo, devemos repensar nossa liturgia para que seja mistagógica, que seja pedagoga para uma autêntica prática da vivência cristã.

Destarte, Liturgia e o Princípio Misericórdia se entrelaçam, pois não pode haver a prática do amor autêntico sem gratuidade, isto é, movida pela graça divina. Do mesmo modo, não há gratuidade sem prática do amor, ou seja, sem a graça não há caridade. Por isso, o amor de Deus e amar o próximo constitui uma única via.

REFERÊNCIAS

ALDAZÁBAL, José. Dicionário Elementar de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 2007.

COMBLIN, José. O Caminho: ensaio sobre o seguimento de Jesus. São Paulo: Paulus, 2004.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos e declarações. 27ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

FLORISTAN, Casiano. Pastoral Litúrgica. In: BOROBIO, Dionisio(org.). A Celebração na Igreja 1: Liturgia e sacramentologia fundamental. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.425-461.

FRANCISCO. Desiderio desideravi: Carta Apostólica sobre a formação litúrgica do Povo de Deus. Brasília: Edições CNBB, 2022.

SOBRINO, Jon. O Princípio Misericórdia: descer da Cruz os Povos Crucificados. Petrópolis: Vozes, 1992.